

CORONAVÍRUS, IDEOLOGIAS E ANÁLISE DO DISCURSO ECOSSISTÊMICA

Márcio M. G. Silva (*Pesquisador independente, linguista, tradutor e ambientalista*)

Abstract: The objective of this article is to comment on the discussion on the coronavirus pandemic. It shows that this discussion is heavily marked by political ideology, especially on the side of the Brazilian president and followers, in contradiction to what scientists show. It also shows that Ecosystemic Discourse Analysis is a good framework for the analysis of the two opposing discourses: it presents itself as a third alternative, a holistic one, free from right and left radicalisms.

Key-words: Discourses on Coronavirus; Polarization; Ecosystemic Discourse Analysis; Third Way Out.

Resumo: O objetivo deste artigo é comentar a discussão que tem havido em torno da pandemia do coronavírus. Mostra que essa discussão está prenhe de carga ideológica, sobretudo por parte do atual presidente do Brasil e seguidores, contrariamente ao que diz a ciência. Mostra ainda que a Análise do Discurso Ecosystemica é um bom arcabouço teórico para se analisarem as duas posições bem como para apresentar uma solução holística, não radical.

Palavras-chave: Discursos sobre Coronavírus; Polarização; Análise do Discurso Ecosystemica; Terceira Via.

1. Introdução

O objetivo deste artigo é analisar criticamente dois dos principais discursos mais recorrentes no Brasil sobre a questão do coronavírus (Sars-CoV-2, covid-19), usando o arcabouço teórico da Análise do Discurso Ecosystemica (ADE). Veremos que há um discurso liderado pelo ex-capitão do Exército Jair Messias Bolsonaro, de extrema direita, radical e fundamentalista, contraposto ao da ciência, da OMS, do Ministério da Saúde e da esmagadora maioria da população. Podemos

ECO-REBEL

chamar isso de polarização “saúde *versus* economia”. Argumentarei no sentido de que as categorias da ADE podem oferecer um princípio a seguir diante dessa polaridade, entre elas, a herança que ela tem da Ecologia Profunda, de Arne Naess, e do Taoísmo. Aliás, o discurso do ex-capitão se contrapõe a um outro discurso (político) radical, o do PT, quase tão fundamentalista quanto o seu.

Gostaria de começar explicando como e porque cheguei à Ecolinguística e à ADE. Eu conheci Hildo Honório do Couto no clube do SESC no início da década de 1960, em Venda Nova, Minas Gerais, onde todo fim de semana nadávamos na piscina, praticávamos esporte, fazíamos acrobacia e, depois do almoço, dançávamos no clube, às vezes fazendo molecagens sobre quem estava dançando (comentando algum defeito físico que alguém tivesse). Depois disso, cada um tomou seu destino. Só fui retomar o contato com ele depois de aposentado, por volta de 2010, após procurar por seu nome na internet. Descobri que ele tem uma vasta produção na área da Crioulística e na da Ecolinguística. Como sou linguista e ambientalista, me interessei logo pela segunda. Na verdade, eu trabalhei muitos anos como professor de Linguística e como tradutor. Comprei o livro de Couto (2007) e fiquei encantado com seu conteúdo. Ele apresenta sugestões de como estudar diversos fenômenos da linguagem tomando a Ecologia como ponto de partida. Eu li o livro de ponta a ponta e fiquei admirado com a abrangência dos conteúdos abordados, sempre de uma forma inovadora.

Durante e após a leitura do livro, li diversos artigos disponíveis no *blog*¹ do Hildo e na revista *ECO-REBEL*². Das trocas de *email* que tivemos nesse ínterim, descobri a grande antologia Couto; Couto; Araújo; Albuquerque (2016). Vi que no Brasil há um dinâmico movimento ecolinguístico, que comecei a seguir daqui dos Estados Unidos. O Hildo me convidou a voltar a atuar, desta vez na Ecolinguística, desafio que aceitei de bom grado. Minha primeira participação foi a tradução do texto de Tove Skutnabb-Kangas “Linguistic human rights in education for language maintenance” (Direitos humanos linguísticos na educação para a manutenção da língua), publicado em *ECO-REBEL* v. 5, n. 2, 2019. No ano seguinte, saíram mais uma tradução e uma resenha minhas. A tradução é do texto de Alexander Kravchenko “Reassessing the project of linguistics” (Reverendo o projeto da linguística) e a resenha é do livro de Daniel Everett (2019), *Linguagem: a história da maior invenção da humanidade*, ambos publicados em *ECO-REBEL* v. 6, n. 1, 2020. De tudo que os brasileiros intitulam Linguística Ecolinguística, o que mais me agradou foi a Análise do Discurso Ecolinguística (ADE). Por orientação do Hildo, comecei lendo o texto em que

ela foi inicialmente proposta (COUTO, 2013), texto que foi apresentado sob forma revista e ampliada em Couto (2014) e, posteriormente, numa outra versão juntamente com Elza do Couto em *ECO-REBEL* v. 1, n. 1, 2015, e na antologia no ano seguinte. Acabo de receber (abril de 2020) um texto inédito sobre ADE em inglês³ (EDA nessa língua), que o Hildo me enviou. Percebi que apesar de ela ter mudado de nome duas vezes⁴, o conteúdo se manteve exatamente o mesmo, apenas com alguns ajustes, normais em qualquer disciplina científica viva.

2. Linguística Ecosistêmica e Análise do Discurso Ecosistêmica

Inicialmente eu não entendia por que se dizia que a ADE era parte da Linguística Ecosistêmica (LE), com o que todos conceitos e categorias desta poderiam ser usados na análise de discursos pelo viés daquela. Isso significa que a ADE seria desnecessária, pois tudo poderia ser feito diretamente pela LE. Mais, se a ADE é parte da LE, como pode ter seus conceitos específicos? Depois que o Hildo me enviou um trabalho em *Power Point* que apresentou em um evento de Ecolinguística no exterior, comecei a entender a questão. Os chamados ‘conceitos específicos da ADE’ são, na verdade, conceitos não visíveis “a olho nu” pela LE porque são microscópicos, como o coronavírus, ou qualquer vírus. Isto está representado na figura 1 e nos comentários a ela feitos logo abaixo.

Vi que quando o linguista ecosistêmico deseja analisar um discurso da perspectiva da ADE, que é a da visão ecológica do mundo (VEM), precisa usar um “microscópio” e focalizar em detalhes microscópicos, inclusive usando o método da focalização (*focussing method*) proposto por Garner (2004). Uma vez que a LE vê três dimensões na língua (natural, mental, social), a ADE parte justamente da dimensão biológica/natural dos seres vivos, não apenas dos humanos. É aí que se desenrola o drama da vida. Os organismos nascem, vivem, sofrem alguns sofrimentos normais da vida, têm momentos de alegria e, finalmente, morrem.

Diante do exposto, e contrariamente ao que fazem as análises do discurso tradicionais, que enfatizam questões de ideologia (política) e relações de poder, a ADE põe a ênfase em duas coisas fundamentais no presente contexto:

- 1) defesa da vida:
- 2) essa defesa inclui luta uma contra o sofrimento evitável.

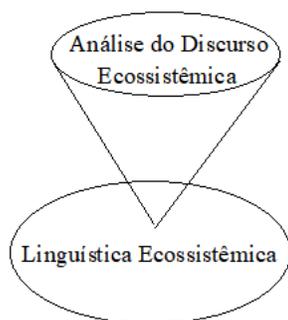
Deve ser ressaltado que ela defende a vida de todos os seres vivos e não apenas a dos humanos, em consonância com os princípios da Ecologia Profunda. Essa defesa inclui a luta contra o

ECO-REBEL

sofrimento evitável, pois, como sabemos, há sofrimentos inevitáveis. Por exemplo, a dor existe para que os seres vivos evitem a mutilação de seus corpos e defendam a sua integridade. É importante notar que vida aqui é a vida biológica, que qualquer leigo sabe o que é. Não é necessária nenhuma especulação filosófica para se saber o que são vida e sofrimento/dor.

É bem verdade que sofrimento pode se dar não apenas no nível natural, mas também no mental e no social. No nível físico-natural, podemos mencionar espancamentos, ferimentos, torturas físicas e assassinatos, casos em que coincidiria com dor (física); no mental, tortura psicológica e, no social, a desmoralização de alguém perante a comunidade a que pertence, entre inúmeros outros tipos de agressão e os consequentes sofrimento e dor. No entanto, a ADE reconhece graus de sofrimento e dor. Assim, um beliscão, por exemplo, não é tão ofensivo quanto uma tortura psicológica ou a difamação ou um assédio moral no ambiente de trabalho.

Quando o investigador está praticando Linguística Ecológica, trabalha com os ecossistemas linguísticos natural, mental e social, inclusos no ecossistema integral da língua. Isso é feito por assim dizer de uma perspectiva macroscópica, aquela que enfatiza as categorias mais gerais de cada um, tais como: L_1 , P_1 e T_1 no natural; L_2 , P_2 e T_2 no mental; L_3 , P_3 e T_3 no social. Estudam-se as diversas interações (e esse termo deve ser enfaticamente ressaltado) que se dão no interior de cada um desses ecossistemas, como, por exemplo, entre os membros de P entre si ou deles com T , no caso, os diversos tipos de L , P e T^5 . Nesse nível, as categorias centrais da ADE vistas acima (defesa da vida, luta contra o sofrimento evitável etc.) não são visíveis. É preciso ampliá-las, como o Hildo sugeriu na palestra supra, e como se pode ver no gráfico a seguir.



Visualização da ADE no interior da LE

Fig. 1

A figura 1 mostra que um pequeno ponto no interior da LE pode ser ampliado, como quando se faz *zoom* com uma câmera de alta precisão, ou mediante o uso de um microscópio. Nesse momento

ECO-REBEL

é possível ver as categorias microscópicas específicas da ADE. Acima já foram mencionadas duas delas, mas há várias outras. Entre elas pode-se aduzir:

- 3) abordar as questões pelo lado positivo, não pelo negativo, enfatizando a harmonia e a comunhão⁶;
- 4) recomendação para intervir em defesa da vida e lutar contra o sofrimento evitável (a prescrição da Ecologia Profunda)⁷;
- 5) maior valorização do conteúdo do que da forma etc.

Adicionalmente, a ADE foi influenciada por várias ideias harmonizadoras já existentes.

Além da Ecologia Profunda de Arne Naess, temos o exemplo de vida de Mahatma Gandhi, a Análise do Discurso Positiva (MARTIN, 2004), a visão ecológica de mundo (CAPRA, 1991; FINKE, 2001) e os conceitos da própria Ecologia.

Nas seções seguintes do artigo isso ficará mais claro. Nos artigos e livros elencados nas Referências encontram-se muitos argumentos a mais que esclarecem a questão.

3. Ideologia

O ex-capitão assumiu o poder no Brasil apregoando que instauraria um modo diferente de governar, livre da ideologia radical da esquerda petista, que favorecia ditadores e semiditadores subdesenvolvidos às vezes em detrimento de relações internacionais muito mais vantajosas para o Brasil. Essa administração petista teria introduzido um nível de corrupção nunca antes visto neste país (parafrazeando o ex-presidente Lula), talvez nem durante a ditadura militar, que também era especialista em corrupção, aliada à impunidade (*sabe com quem está falando?*). O atual presidente é aposentado do Exército como capitão, onde não conseguiu nenhuma grande realização, antes pelo contrário⁸. No entanto, este desvairado ex-capitão introduziu uma ideologia tão ou mais radical do que a petista, uma ideologia de extrema direita, reacionária, obscurantista, idiossincrática e fundamentalista. Ele segue uma ideologia muito parecida com a das ditaduras comunistas, *malgré lui*, pois, para esse ex-capitão e asseclas, o comunismo é algo diabólico que deve ser extirpado, seus seguidores deveriam ser executados a porretada para não gastar balas.

Pois bem, é nesse clima político-ideológico e beligerante que irrompeu a pandemia do coronavírus (covid-19). O petismo está numa posição privilegiada nesse caso, pois é oposição, o estilingue, não a vidraça, para usar um jargão corrente durante a ditadura militar. Diante de uma situação

ECO-REBEL

como esta, é importante discutir a questão das ideologias em geral, antes de entrar no embate entre elas no Brasil atual.

Em Couto; Couto; Borges (2015, p. 65-79) há um capítulo dedicado à questão da ideologia em geral. Logo na segunda página do capítulo, os autores nos dizem que há

[...] duas concepções originais de ideologia, ou seja, a de Tracy, que a vê como “ciência das ideias”, e a de Napoleão, para quem ela é abstração da realidade, pura especulação, claramente uma concepção negativa. Esta última é retomada por Marx em *Ideologia alemã*, escrita em parceria com Engels (em 1846 e publicada em 1932 em Moscou), no sentido de ilusão.

Pois bem, embora o termo ainda seja usado no sentido de “ciência das ideias”, ou de “conjunto de ideias” de determinado grupo, o que prevalece é o sentido negativo. No mesmo lugar os autores acrescentam que para o sociólogo Michael Löwy, trata-se de uma “concepção idealista na qual a realidade é invertida e as ideias aparecem como motor da vida real”, o que vem a calhar muito bem no *modus operandi* do ex-capitão, de novo, *malgré lui*.

No Brasil atual há uma polarização ideológica no segundo sentido de ideologia. De um lado temos a extrema esquerda, representada sobretudo pelo PT e seu líder máximo Luís Inácio Lula da Silva, o lulopetismo; de outro, uma extrema direita, capitaneada por Jair Messias Bolsonaro e seguido por uma pequena parcela da população insatisfeita com a grande corrupção que se viu durante o governo anterior do PT que, aliás, se considerava um paladino da moralidade antes de chegar ao poder. Esse presidente-capitão alegava durante a campanha política que inauguraria uma nova maneira de governar, livre de ideologias (de esquerda, é claro). No entanto, o que ele fez foi introduzir um modo de governar inteiramente guiado por uma ideologia de extrema direita, fundamentalista. O que é pior, tentando nomear um filho como embaixador do Brasil em Washington, por que “ele fala bem inglês”, com o que um imigrante brasileiro ilegal nos EUA também poderia ser embaixador, contanto que tenha aprendido o inglês muito bem. Aliás, o ex-capitão tem uma subserviência tão grande aos Estados Unidos que chegou a menosprezar as relações com a grande potência mundial que é a China. Tentou mudar a embaixada brasileira em Israel para Jerusalém, para agradar a Donald Trump, com o que angariaria a ira dos povos árabes. Tudo isso gratuitamente, devido apenas a uma ideologia vesga.

O ex-capitão se considera um “messias”, talvez devido ao fato de a palavra aparecer em seu nome. Ele se vê como um salvador da pátria que as esquerdas não deixam governar como gostaria. No entanto, ele é herdeiro da ditadura, que acha que foi muito suave. Para ele, “o erro da ditadura foi

ECO-REBEL

torturar e não matar” e “Pinochet devia ter matado mais gente”. Disse também que “gastaram muito chumbo com o Lamarca. Ele devia ter sido morto a coronhadas”. Teve a desfaçatez de homenagear um dos maiores torturadores da ditadura militar⁹, Carlos Alberto Brilhante Ustra, no momento de votar pela cassação de Dilma Rousseff. Eu poderia continuar desfilando pensamentos escatológicos do desvairado ex-capitão *ad infinitum*, mas isso basta por enquanto, pois se disser tudo, fará muita gente ter vontade de vomitar.

Além de perfilhar uma ideologia militarista e beligerante radicalmente fundamentalista, este ex-capitão é racista, homofóbico, machista entre outras desqualidades. Suas ideias fariam inveja a Adolf Hitler, a Benito Mussolini, ao Estado Islâmico e até a Nero (um jornal europeu o chamou de BolsoNero, mas já houve quem o chamasse de Boçalnaro). Ele tem um ego inflado, é voluntarista, primitivo, prepotente, truculento e tem um discurso de confronto, de beligerância, agressividade e violência (não é à toa que defendeu um torturador). Alguns críticos disseram que ele não precisa de inimigos; ele os faz a todo momento, ajudado pelos três filhos e o Gabinete do Ódio enxertado no Palácio do Planalto, dirigido por um deles. Aliás, ele tem um quarto filho (o O4) que já pôs as manguinhas de fora menosprezando a gravidade da covid-19 e se considerando um garanhão. Um amigo me disse que Bolsonaro não tem postura nem compostura para ser presidente.

Em linguagem popular, ele “se acha”, mas esquece que foi eleito devido apenas a fatos negativos. Primeiro, o descontentamento com o governo corrupto do PT, motivo pelo qual, fora a minoria que o segue cegamente, a maioria dos eleitores não votou nele, mas contra o PT. Segundo, a facada que levou durante a campanha fez dele uma figura vitimizada, levando muitos brasileiros a votarem nele pelo sentimentalismo. Terceiro, o fato de não ter ido às diversas sessões de debate entre os candidatos na televisão. Se tivesse ido, provavelmente não teria sido eleito, pois ele não sabe debater, dialogar; ele só sabe impor suas ideias, usando o argumento da força. Intelectualmente ele é muito limitado. Nas saidinhas do Palácio da Alvorada, ele faz gracinhas para os adoradores de São Bolsonaro, mas, quando algum repórter faz uma pergunta incômoda, ele responde de maneira irônica, com grosseria e muita agressividade, vira as costas e vai embora. Quando alguém perguntou por um ex-assessor de seu filho acusado de corrupção (o famoso Queiroz) quando deputado no Rio de Janeiro, ele respondeu: “Tá com sua mãe!”

Vindo agora para algo mais saudável, notamos que essa ideologia radical faz parte de algo maior, a visão ocidental de mundo (VEM), segundo a qual conceitos polares como *bom/ruim*, *alto/baixo*,

ECO-REBEL

largo/estrito, escuro/claro e longe/perto são antagônicos: é um ou o outro, *tertium non datur*. Na visão oriental, como a do Taoísmo, os dois polos fazem parte de um todo, pois se articulam ao longo do mesmo eixo. Esta é também a posição da VEM, defendida por Fritjof Capra e muito bem praticada pelo filósofo norueguês Arne Naess em sua *Ecologia Profunda*. Para essas cosmovisões, os termos polares não devem ser separados mediante uma barra (/), mas unidos por um hífen (-), que junta duas palavras diferentes para formar um composto (como *menino-prodígio*), um todo; ele funciona como uma ponte, com o que teríamos *bom-ruim, alto-baixo, largo-estrito, escuro-claro e longe-perto*. As duas cosmovisões estão expostas na figura 2.

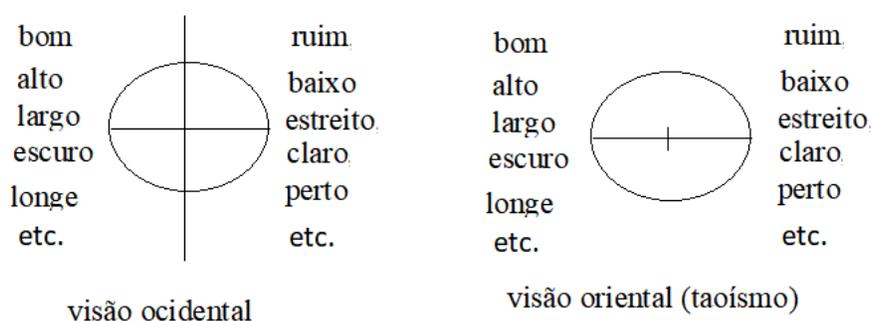


Fig. 2

A parte esquerda da figura mostra a visão ocidental de mundo, cujos começos recuam ao masdeísmo de Zoroastro ou Zaratustra, de acordo com o qual existe “o princípio do bem (*ormuzd*) e o princípio do mal (*ahriman*), que entre si disputam o império das coisas, e cuja luta sem tréguas constitui a história do mundo” (MARITAIN, 1959, p. 21). Esse princípio é seguido pelo ex-capitão, sem ter a menor ideia de quem seja Zoroastro. De acordo com essa visão, há uma linha divisória vertical (|) entre o que está à esquerda do círculo (bom) e o que está à direita (ruim). Mas, como se pode ver no círculo da parte direita da figura, na verdade os conceitos da esquerda e os respectivos da direita se complementam. Eles se articulam ao longo do mesmo eixo para formar o diâmetro da circunferência, da qual ambos fazem parte. Esta ideia de complementaridade mútua de conceitos polares está muito bem expressa no *Tao te ching*, de Lao Tzu, que diz:

Só temos consciência do *belo*
Quando conhecemos o *feio*
Só temos consciência do *bom*
Quando conhecemos o *mau*.
(*apud* Couto, 2012, p. 150)

ECO-REBEL

As ideologias partidárias, religiosas e outras que separam, segmentam podem levar a conflitos. No caso da ideologia partidária, isso pode se dar porque, como a própria palavra já indica, partido parte, divide, segmenta. Quanto às ideologias religiosas, quantas guerras não aconteceram ao longo da história em nome delas! Uma das últimas foi feita pelo Estado Islâmico, uma das mais bárbaras que já vimos nos últimos tempos. Por isso, os sábios orientais preferem a harmonização, a visão da realidade de uma perspectiva holística, que não ignora nenhum de seus lados, não os põe em conflito, em confronto. Em vez disso, essa ideologia (no bom sentido) põe-nos a se juntarem para formar o todo.

4. Dois discursos sobre o coronavírus no Brasil

No momento em que estou escrevendo este artigo (abril/2020) há uma polarização de discursos no Brasil, no que tange ao enfrentamento do terrível coronavírus. No lado esquerdo de cada um dos círculos da figura 3, temos o discurso da saúde e da vida; no lado direito, da economia e do emprego. Abaixo de cada um dos círculos temos os representantes dos dois discursos: o da ciência, da OMS e do Ministério da Saúde (abaixo do círculo da direita) e o do bolsonarismo (abaixo do círculo da esquerda).

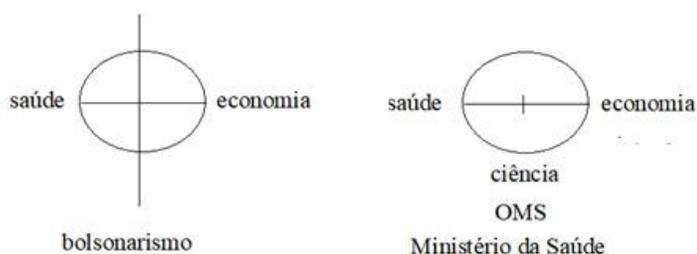


Fig. 3

O ex-capitão e seguidores são contra o isolamento social, pois isso pode prejudicar a economia, levando ao desemprego e à falência de muitas empresas. Não se deve impedir a economia de funcionar a pleno vapor, o que, aliás, não deixa de ser verdadeiro. O problema é que, para essa ideologia radical e fundamentalista, a vida e a saúde estão de um lado, ao passo que a economia e o emprego estão do outro lado, separadas por uma barra vertical. A figura do lado direito, por outro seu turno, mostra que saúde e economia devem ser vistas como um todo, deve-se olhar para as duas ao mesmo tempo, não separadas e opostas antagonicamente uma à outra. Elas são como as

ECO-REBEL

duas faces da mesma moeda. No caso, o fundamentalismo bolsonarista se posta no lado “economia”. Vida e saúde a gente vê depois, miopia que poderá ter consequências catastróficas, pois, adotando-a, poderá não haver pessoas vivas para ter empregos e mover a economia.

Em princípio, podemos procurar por soluções partindo de um lado ou do outro, como mostrado mais especificamente pelas duas setas horizontais da figura 4. Diante da presença do coronavírus, se as autoridades adotarem a estratégia de começar pelo lado direito (economia, emprego), mesmo que tenham a intenção de ir na direção do lado esquerdo (saúde, vida), pode até ser que consigam manter lojas abertas e empregos por algum tempo. Porém, as aglomerações de pessoas que isso implica poderão, a médio e talvez a curto prazo, levar à morte de muita gente. O resultado acabaria sendo semelhante a deixar a pessoa morrer para que ela não perca o emprego. Mas, como alguém no Brasil disse, o ex-capitão prefere correr o risco de ter que contar cadáveres, como ocorreu em Bérghamo, na Itália, ao de ter que contar desempregados.

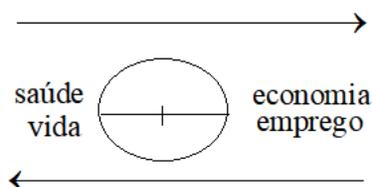


Fig. 4

Se partirmos do lado esquerdo da figura 4 (vida, saúde) podemos evitar que muita gente morra acometida pelo vírus. Estando vivas, as pessoas podem começar a procurar pelo que perderam durante o período de confinamento. Enfim, será possível lutar para recompor a economia e gerar empregos. Partindo da direita e separando os dois polos como na parte esquerda da figura 3, e como quer o ex-capitão, o vírus pode se disseminar de modo descontrolado e dizimar a população, com o que não haveria ninguém para ter emprego e mover a economia. Ao partir do lado esquerdo (saúde, vida) não se ignora o outro, com o que se tem uma visão holística do objeto, incluindo os dois lados.

Uma pesquisa feita recentemente sobre a gripe espanhola nos Estados Unidos (1918-1920) mostrou que os estados que aplicaram o isolamento social com mais intensidade foram justamente os que começaram a se recuperar mais rápido economicamente. Como sabemos, a gripe espanhola (causada pelo influenzavirus H1N1) afetou um terço da humanidade e matou mais de 20 milhões

ECO-REBEL

de pessoas no mundo. Isso ocorreu em parte porque naquela época não se tinha consciência da importância do isolamento social, das quarentenas.

O linguista e estudioso de política internacional Noam Chomsky usa as metáforas do “problema de Platão” e do “problema de Orwell”. O “problema de Platão” fala do fato de diante de poucas evidências adquirirmos muito conhecimento. O problema de Orwell se refere à situação oposta, aquela em que sabemos muito pouco diante de muita evidência (CHOMSKY, 1986, p. xxv). A posição do bolsonarismo com sua miopia ideológico-fundamentalista se equipara ao problema de Orwell. A ciência, a OMS e o Ministério da Saúde apresentam inúmeros fatos e argumentos sobre o perigo das aglomerações para a irradiação do vírus, mas o ex-capitão e seguidores ignoram tudo isso. Há muitas evidências em prol de um isolamento social, mas eles não as veem; para eles trata-se de intriga da oposição ou, então, os outros, ou seja, Lula e seguidores, fariam o mesmo.

Para o ex-capitão não bastam as evidências empíricas da Itália, dos Estados Unidos, de nosso vizinho Equador e até dos estados do Norte e do Nordeste que impuseram o *lockdown*, devido ao fato de o sistema de saúde ter começado a entrar em colapso; sequer a evidência científica o convence. Em sua opinião, dever-se-ia tomar decisões com base no que ele acha, pois quem manda é ele. Essas evidências não valem para o Brasil. Trata-se de uma “gripezinha”, que devemos encarar como “homem” (macho), não como “moleque”. Talvez ele pense que por ter um pênis, não uma vagina, está imune ao vírus. Além do mais, como ele disse, "pelo meu histórico de atleta, se eu pegasse o Coronavirus ficaria bem".

Diferentemente de outros seres vivos microscópicos, como as bactérias, o vírus é um parasita das células dos organismos. Por ser invisível a olho nu, o ex-capitão provavelmente acha que ele não existe, pois não consegue vê-lo. O que é pior, como disse o filósofo Luiz Felipe Pondé em um programa de televisão, a polarização política brasileira (direita x esquerda) foi transferida para o debate sobre a covid-19: “Se você é a favor da cloroquina é da direita; se é contra, é de esquerda. Na China é apenas uma questão científica: manda-se ficar em casa, fica-se em casa, não há debates políticos”. Ainda segundo ele, a democracia tem efeitos colaterais. Dois deles foram o governo corrupto do PT e o desgoverno do desatinado ex-capitão.

No momento em que estou escrevendo este texto (abril de 2020), fiquei sabendo que o ex-capitão desrespeitou as recomendações da OMS, do seu Ministério da Saúde e dos cientistas em geral de manter o “isolamento social” pela terceira vez nos últimos tempos, ao abraçar pessoas, tirar *selfies* etc. No dia seguinte, ele provocou novo aglomerado de pessoas num canteiro de obras, arrancou a

ECO-REBEL

máscara no meio da multidão, tirou *selfies* com seguidores, abraçou pessoas, alguém beijou sua mão..... Parece que está desafiando o que recomenda a razão a fim de criar um caos e poder fazer o que no fundo quer: implantar uma ditadura militar, como indica seu incondicional apoio à que o Brasil viveu por mais de 20 anos (grande parte dos postos em seu governo está ocupada por militares). Um pouco antes de assumir o poder, um de seus filhos disse que “bastam um soldado e um cabo para fechar STF”, um dos pilares e baluartes da democracia. Parece que a família Bolsonaro e seu Gabinete do Ódio não perceberam que o Brasil não quer mais saber de ditadura militar, diante do saudosismo que sentem por ela, pois só ela se coaduna com seu discurso autoritário, de violência.

O ex-capitão chegou a dizer: “Tem que haver contaminação total”. Mesmo que seja por brincadeira uma asserção tão irresponsável como esta é uma atitude altamente desvairada, criminosa, de crime contra a saúde pública. Aliás, sua irresponsabilidade não tem limites. Mais de um comentarista político da mídia o chamaram de delinquente e criminoso. Teve um que chegou a chamá-lo de psicopata. Outro disse que ele é um imbecil, uma toupeira (não se trata de pessoas comuns, mas de comentaristas políticos, com larga visão do que vai pelo mundo). O seu desatino chega a tal ponto que poderíamos evocar a famosa frase de Cícero sobre o conspirador romano Catilina: *Quo usque tandem Catilina, abutere patientia nostra?* (até quando, Catilina, abusarás de nossa paciência?)

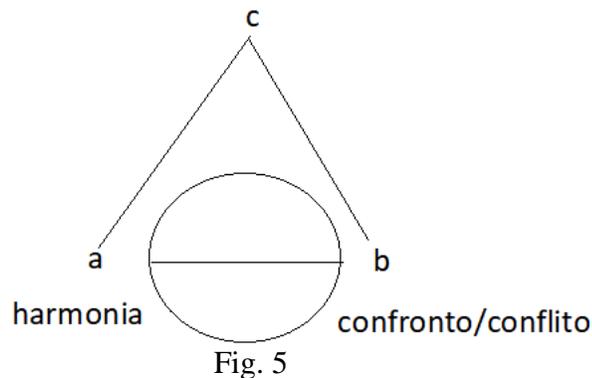
5. Uma terceira via

Existe uma terceira via para contornar as duas polarizações supra (direita *versus* esquerda, ecologia/saúde *versus* economia/emprego) ou *tertium non datur* (não há uma terceira via)? Na verdade, essa terceira via já foi sugerida acima, como se pode ver nos comentários sobre as figuras de 2 a 4. Mais especificamente, esse modo alternativo de se olhar para a questão é justamente o da Análise do Discurso Ecológico. Em qualquer situação, seja ela qual for, ela enfatiza o lado da defesa da vida, considerando os seguidores das duas ideologias como seres vivos. Afinal, para se fazer qualquer coisa, para se tomar qualquer iniciativa, para o simples locomover-se, é necessário estar vivo. Economia e emprego se discutem depois.

Por ser influenciada pelas filosofias orientais (como o Taoísmo), a ADE segue o princípio de que *todos os fatos têm três versões: a sua, a minha e a verdadeira*. Na própria tradição greco-latina se dizia que *veritas in medio est* (a verdade está no meio). No caso específico em questão, o problema

ECO-REBEL

da covid-19, ela segue o que já ficou demonstrado a propósito da figura 4. Tanto “ecologia/saúde” quanto “economia/emprego” devem ser levadas em consideração. Mas, em vez de olhar para elas como estando antagonicamente em oposição uma à outra, ou seja, em vez de se pensar que é necessário se debruçar apenas sobre um dos lados, a ADE adota a terceira via, encarando o todo “ecologia/saúde + economia/emprego”, numa visão holística, a perspectiva *c* da figura 5.



Quem se posta no lugar *b* se considera detentor da verdade, da justiça, do que é certo e justo. Os do outro lado, para eles estão os inimigos, “eles”, que estão contra “nós”, logo, devem ser combatidos, vencidos e, no limite, eliminados, mesmo que seja pela violência.

A postura da ADE e do Taoísmo consiste em postar-se na posição *c*, a partir da qual se tem uma visão do todo (*a*, *b*), embora enfatizando o lado *a*. Procura trazer os do lado *b* para o seu lado (*a*). No caso em tela, a ADE enfatiza o lado “ecologia/saúde” (*a*), mas tenta conciliá-lo com o lado “economia/emprego” (*b*). O ideal seria levar os dois lados em conta ao mesmo tempo, na medida do possível. Porém, como isso não é viável, ela enfatiza o lado da “ecologia/saúde”, mas, de vez em quando dá uma olhada no outro lado, a fim de verificar se é possível atendê-lo provisoriamente pelo menos em parte. Os que se postam no lado *b* e ficam só nele, os radicais, fundamentalistas não fazem isso. Levam sua ideologia literalmente a ferro e fogo.

6. Observações finais

Vimos que o ex-capitão alega que o governo anterior se guiava pela ideologia (de esquerda), mas ele inauguraria uma nova maneira de governar, como todo tiranete de plantão diz que vai fazer. No entanto, o que se vê é ele tentando implantar uma ideologia fundamentalista, militarista e beligerante de direita, tão radical e fundamentalista como a que condena, talvez até mais do que ela. Ambas são como religiões: de um lado, a “religião petista”, com seu “deus” (Lula), seus

ECO-REBEL

“santos”, “anjos” e “arcanjos”; de outro a “religião bolsonarista”, com seu “deus” (Bolsonaro), seus “santos”, “anjos” e “arcanjos”.

A beligerância dos dois lados tem levado a agressões físicas de partidários das duas “religiões” na rua e até em família. Agridem-se repórteres que estão transmitindo matérias ao vivo (apenas porque são de um órgão de imprensa de que o ex-capitão não gosta), pessoas na rua se engalfinham na defesa de suas respectivas “crenças”, enfim, estamos vivendo como que em uma barbárie (o grande jornal francês *Le figaro* já disse isso). Cada devoto de uma das “religiões” acha que está no lado certo, ungido pela graça do seu “deus”. O outro está errado, portanto, se não se converter deve ser eliminado. Infelizmente, esse tipo de confronto foi transferido para o tratamento dado à covid-19.

Diferentemente do que acontece em situações normais, cada presidente que assume o poder no Brasil faz *tabula rasa* do que o anterior vinha fazendo e começa tudo do zero, de modo que a nossa história anda em círculo, no caso, um círculo vicioso. Não se dá continuidade a uma obra iniciada pelo antecessor, com o que ela começa a se degradar, desperdiçando o dinheiro do contribuinte. Mas, em vez de se punir diretamente o administrador que assim procede, pune-se o povo do município em questão, suspendendo as verbas que deveria receber.

Infelizmente, essa intolerância fundamentalista existe em outros domínios, como o das torcidas organizadas de futebol. Se vejo alguém com uma camisa do time “adversário”, ou se alguém desse time está próximo de mim logo após uma partida, devo agredi-lo, espancá-lo e até matá-lo. O pior é que o agressor sequer conhece quem está agredindo. É uma violência gratuita, o antípoda do que recomenda o exemplo de vida de Mahatma Gandhi, de resolver conflitos sem violência. É o antípoda da “prescrição” da Ecologia Profunda e da ADE para a defesa incondicional da vida.

O governo do ex-capitão sofre da síndrome da conspiração. Essa paranoia leva-o a ver em qualquer crítica ou contra-argumento uma agressão vinda de partidários do PT, do comunismo, do diabo. No entanto, do Gabinete do Ódio implantado no Palácio do Planalto sob a direção de um de seus filhos saem ofensas como de uma metralhadora giratória: contra a China, contra o STF e/ou seus ministros, contra membros do governo ou de outras instituições, contra pessoas cujas ideias incomodam ao grupo etc. É por essas e outras razões que muita gente gostaria que ele deixasse o governo em prol de seu vice, muito mais razoável, ponderado e sensato, a despeito de ser também militar e ter sido escolhido pelo ex-capitão. Frequentemente esse vice tenta explicar, botar panos

ECO-REBEL

quentes nas fanfarrônicas, nos desatinos e na pabulagem do titular da presidência⁹. A língua não tem adjetivos suficientes para qualificar os seus desvarios¹⁰.

Notas

1. www.meoambienteelinguagem.blogspot.com
2. *Ecolinguística: revista brasileira de ecologia e linguagem (ECO-REBEL)*: <https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/>
3. Ecosystemic Discourse Analysis (*a sair*).
4. Inicialmente (2013), ela foi chamada Linguística Ecosistêmica Crítica, por ser parte da Linguística Ecosistêmica. Pouco depois, passou a ser Análise do Discurso Ecológica (ADE), nome que está na única introdução à disciplina disponível (COUTO; COUTO; BORGES, 2015). Atualmente, ela foi renomeada como Análise do Discurso Ecosistêmica, mantendo a sigla ADE.
5. Para mais pormenores sobre a LE, ver Couto (2015).
6. O conceito de *comunhão* é um dos mais inovadores e importantes na LE e na ADE. É difícil entender por que a linguística tradicional sequer fala dele. Ele é pré-requisito para que uma interação comunicativa prototípica tenha lugar. Afinal, entrar ou estar em *comunhão* significa estar predisposto para a interação comunicativa. Na maior parte das obras mencionadas nas Referências se fala de *comunhão*.
7. Em Couto (2012, p. 49-67), há um bom apanhado geral sobre a Ecologia Profunda, com a citação de muita bibliografia adicional. Para a literatura original, pode-se começar por Naess (1989).
8. Os superiores de Bolsonaro achavam que ele tinha "excessiva ambição em realizar-se financeira e economicamente" e tinha "permanentemente a intenção de liderar os oficiais subalternos, no que foi sempre repellido, tanto em razão do tratamento agressivo dispensado a seus camaradas, como pela falta de lógica, racionalidade e equilíbrio na apresentação de seus argumentos" (*Folha de S. Paulo*, 16/05/2017).
9. No dia 19 de abril de 2020, o ex-capitão participou de uma manifestação, de parte da minoria que o apoia, em frente a um quartel do Exército. Os manifestantes pediam o fechamento do Congresso, do STF, a reintrodução do I-5 e tinham o *slogan* "Intervenção militar com Bolsonaro no Poder". O próprio ex-capitão disse: "Eu estou aqui porque acredito em vocês, vocês estão aqui porque acreditam no Brasil. Nós não queremos negociar nada" (*Rede Globo*, 19/04/2020, 20h37min.). Aparentemente, nem ele nem seus asseclas percebem que no regime que defendem não poderiam estar se manifestando assim. Como os extremos se assemelham! Ele está agindo exatamente como Nicolás Maduro na Venezuela, que ele abomina. Diante das reações negativas, em mais uma saidinha do Palácio da Alvorada no dia seguinte, ele disse a um seguidor que defendia a ditadura: "Sem essa conversa de fechar. Aqui não tem que fechar nada, dá licença aí. Aqui é democracia, aqui é respeito à Constituição brasileira. E aqui é minha casa, é a tua casa. Então, peço por favor que não se fale isso aqui. Supremo aberto, transparente. Congresso aberto, transparente" (*Estadão*). Vale dizer, como Trump, ele diz absurdos, mas, depois diz que não disse, que não é o que "mídia maldosa" divulgou. Cabe ressaltar, no entanto, que ele disse isso ao perceber que estava brincando com fogo, pois começaram a surgir ações no sentido de retirá-lo do poder por "crime de

ECO-REBEL

responsabilidade” por estar apoiando uma manifestação contra a democracia, contra a Constituição.

10. O ex-capitão continuou perpetrando muitas barbaridades após o fechamento deste artigo, mas vou parar por aqui, pois o que já foi visto já é suficientemente inaceitável e repugnante.

Referências

CAPRA, Fritjof. *Belonging to the universe*. New York: Harper Collins, 1991.

CHOMSKY, Noam. *Knowledge of language*. West Port, CT: Praeger, 1986, p. xxv.

COUTO, Hildo Honório do. *Ecolinguística: estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília: Thesaurus, 2007.

_____. *O tao da linguagem: um caminho suave para a redação*. Campinas: Pontes, 2012.

_____. Análise do discurso ecológica (ADE), 2013. Disponível em:

<https://meioambienteelinguagem.blogspot.com/2013/04/analise-do-discurso-ecologica.html>
(10/04/2020).

_____. Linguística ecossistêmica crítica ou Análise do discurso ecológica. In: COUTO, Elza; DUNDK-CINTRA, Ema; BORGES, Lorena (orgs.). *Antropologia do imaginário, ecolinguística e metáfora*. Brasília: Thesaurus, 2014, p. 27-41.

_____. Linguística ecossistêmica. In: COUTO et al. (orgs.) 2016, p. 209-261. Disponível também em *ECO-REBEL* v. 1, n. 1, 2015 em:

<https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/9967/8800>

COUTO, Hildo; COUTO, Elza; ARAÚJO, Gilberto; ALBUQUERQUE, Davi (orgs.). *O paradigma ecológico para as ciências da linguagem: ensaios ecolinguísticos clássicos e contemporâneos*. Goiânia: Editora da UFG, 2016.

COUTO, Hildo; COUTO, Elza; BORGES, Lorena. *Análise do discurso ecológica (ADE)*. Campinas: Pontes, 2015.

FINKE, Peter. Identity and manifoldness: New perspectives in science, language and politics. In: FILL, Alwin; MÜHLHÄUSLER, Peter (orgs.). *The ecolinguistics reader*. Londres: Continuum, p. 84-90.

GARNER, Mark. *Language: An ecológica view*. Berna: Peter Lang, 2004.

MARITAIN, Jacques. *Elementos de filosofia: introdução geral à filosofia* Rio de Janeiro: Agir, 1959, 5ª. ed.

ECO-REBEL

MARTIN, James R. Positive discourse analysis: Solidarity and change. *Revista canaria de estudios ingleses* n. 49, 2004, p. 179-200.

NAESS, Arne. *Ecology, economy and lifestyle*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

Aceito em 24/04/2020.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), V. 6, N. 2, 2020.